



“Tudo o que este governo pode fazer é evitar a repetição do desastre de 81/83”

ADROALDO MOURA DA SILVA

Exportações podem agravar déficit fiscal

Com o desaquecimento do mercado interno, a economia brasileira ao longo desse ano deve ter basicamente duas fontes geradoras de renda: as exportações e a agricultura. O que poderia ser uma válvula de escape para o crescimento econômico, na verdade pode se transformar num grande problema fiscal para o governo. Tanto as exportações como a renda agrícola gozam de subsídios e incentivos fiscais, o que faz com que a arrecadação do governo caia na medida em que esses setores crescem.

O alerta é do ex-vice-presidente internacional do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, que acha que a expansão desses dois setores, no atual quadro econômico, pode “ter um efeito deletério sobre as finanças do setor público”. Adroaldo explica que, quanto maior for o coeficiente da exportação da indústria de transformação e quanto maior a expansão da agricultura, menor será o tributo coletado pelo governo por unidade de produto produzido internamente.

O economista Edmar Bacha acrescenta que a exportação de produtos agrícolas, por exemplo, não paga impostos diretos nem indiretos. Ou seja, não rende um tostão para os cofres públicos, cuja arrecadação tende a cair também pelo desaquecimento da atividade industrial e pela queda da massa salarial.

“Vamos ter um problema grave a partir daí”, sentencia Adroaldo, que defende a revisão da estrutura fiscal sobre esses setores, aproveitando que a economia tende a mudar estruturalmente com a modernização da agricultura e do parque industrial através das exportações.



“Gostaria que Sarney fosse Campos Salles, que fez política austera e impopular”

CÉSAR MAIA

integração com a economia internacional será meramente casuística e a discussão do papel do estado será também casuística, sem qualquer doutrina que oriente os trabalhos do governo. Sairá do governo vaiado, como Campos Salles, só que, ao contrário daquele, não será reconhecido depois, imagina César Maia.

Adroaldo Moura da Silva rebate a idéia de que a tentativa de ganhar a eleição e fazer o sucessor possa ser danosa para a economia, reconhecendo como legítima a aspiração de um governante fazer seu sucessor “É que há formas mais econômicas e menos econômicas de se fazer isto” interrompeu Simonsen. Adroaldo acha que a questão central não é nem a eleição ou questões que estão sendo decididas na Constituinte, mas sim a necessidade que a economia tem de fazer um trabalho de ordenamento do financiamento do setor público. A grande tarefa que Adroaldo espera deste governo é “não fazer qualquer pirueta. Tentar ir levando até o final do mandato, a situação, para que não haja qualquer desastre de emprego e renda como ocorreu em 81 e 83”. Ele acha que realisticamente tudo que se pode esperar deste governo é que não haja qualquer desastre “Se ele fizer isto, já será muito”.

Bacha está convencido de que a prioridade tem de ser uma política anti-inflacionária uma vez que com “toda essa instabilidade não se pode pensar em retomar o nível de investimento”. Werneck concorda. “Com 600% de inflação não há como manter o nível de atividade. Fica difícil tomar decisões correntes de produção, quanto mais decisões de investimento”, diz Werneck, lembrando o efeito dominó que pode ocorrer na economia: “Com a queda do nível de atividade, a arrecadação cai” e com a queda de receita o governo acaba tomando decisões de política econômica que empurram para cima a taxa de inflação, diz Werneck.